

# Sonhando em ser potência

185

O discurso do Itamaraty continua indecifrável no governo Fernando Henrique. A diplomacia brasileira faz questão de agradar todo mundo e de não ferir ninguém.

A disputa por um lugar permanente no Conselho de Segurança da ONU (CSONU) é bom exemplo disso. Para não atrapalhar as relações com os argentinos — que também querem o lugar — o Brasil nega que seja candidato.

“O conselho de Segurança não é uma obsessão”, garantiu Lampreia. Mas em todas as viagens ao exterior o Brasil negocia o apoio: China, Alemanha, Rússia e França já deram sinal de que podem ajudar os brasileiros na ONU.

**Tropas** — Prova de que o Brasil está fazendo de tudo para se colocar entre as grandes potências e ganhar a credencial ao CSONU são as tropas enviadas às missões de paz e o ingresso ao Regime de Controle sobre Tecnologia de Mísseis (MTCR).

O MTCR é um grupo de pouco mais de 20 países que dispõe da tecnologia mais avançada para colocar satélites no espaço. O Brasil entrou após aprovar uma lei de controle rígido da importação e exportação desse material, que pode ser usado também para o lançamento de mísseis de guerra. Ao ingressar ao MTCR, o País dá a garantia de que quer apenas a paz.

**Aspiração** — Contribuir para a paz, com tropas inclusive, é uma tese no Itamaraty. A idéia é que isso pode dar ao Brasil o direito de decidir o futuro da humanidade ao lado dos EUA, China, França, Rússia e Inglaterra — países que têm um assento permanente no CSNU.

A diplomata Maria Luiza Viotti explica essa idéia: “O Brasil defende uma tese da qual decorre um aspiração e não uma candidatura”.

Outro calo no discurso do Itamaraty é a questão cubana. Para não desagradar os EUA, o Brasil decidiu apoiar o fim do embargo a Cuba apenas nas ONU e nas instituições multilaterais.

“É um problema bilateral entre Estados Unidos e Cuba”, justificou Lampreia, que diz apoiar a causa de Fidel Castro mas espera que haja “certas reformas” no país. (CL)